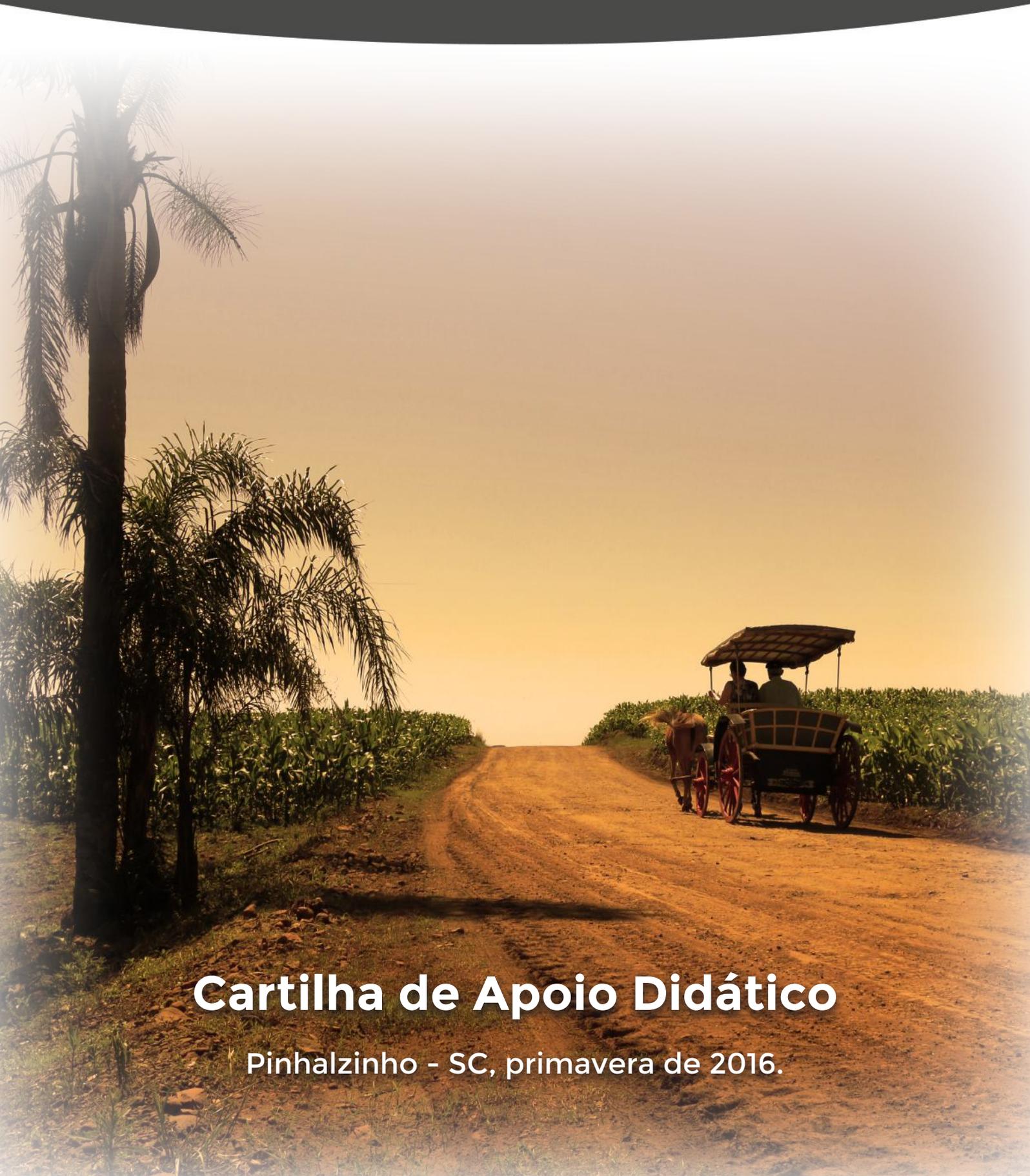


Wir sind hier! Razem!



*Registro e transmissão da cultura alemã
e polonesa no oeste catarinense*



Cartilha de Apoio Didático

Pinhalzinho - SC, primavera de 2016.

Wir sind hier! Razem!

Registro e transmissão da cultura alemã e polonesa no oeste catarinense

REALIZAÇÃO



Município de Pinhalzinho
Fabiano da Luz



Museu Histórico de Pinhalzinho
Coordenador: Márcio Luiz Rodrigues



Governo do Estado de Santa Catarina
João Raimundo Colombo



Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esportes
Secretário: Filipe Mello



Fundação Catarinense de Cultura
Presidente: Maria Teresinha Debatin



Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura –
Edição 2015

APOIO

Secretaria de Educação e Cultura de Pinhalzinho
Departamento de Cultura de Pinhalzinho
Associação Cultural Alemã de Pinhalzinho
Associação Cultural Mais Cultura
Secretaria de Educação e Cultura de Saudades
Associação Grupo de Danças Jugend Vorwärts
Departamento de Cultura de Cunha Porã
Casa da Cultura Prefeito Paulo Pan
Departamento de Cultura de Maravilha
Centro Cultural 25 de Julho
Associação Cultural Alemã de Maravilha - Acalmar
Departamento de Cultura de Nova Erechim
Braspol - Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa

COORDENAÇÃO TÉCNICA DO PROJETO



Catavento – Gestão e Produção Cultural

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Carmen Tereza Salvini e Fernanda Ben
Pesquisa: Carmen Tereza Salvini, Fernanda Ben e Vagner Bozzetto
Redação: Fernanda Ben e Márcio Luiz Rodrigues
Ilustrações: Marcos Bettú e Guilherme Salvini
Fotografia: Simone Barbieri Nalin
Capa: Vagner Bozzetto, sobre foto de Simone Barbieri Nalin
Diagramação: Vagner Bozzetto
Coordenação Editorial: Catavento – Gestão e Produção Cultural
Impressão: Schaefer Impressos – Pinhalzinho-SC

FICHA CATALOGRÁFICA

B455w Ben, Fernanda.
Wir sind hier! Razem! registro e transmissão da cultura alemã e polonesa no oeste catarinense / Fernanda Ben, Carmen Tereza Salvini, Márcio L. Rodrigues – Pinhalzinho: Museu Histórico Pinhalzinho, 2016.
32 p.
Inclui bibliografia

1. Imigrantes - Poloneses. 2. Imigrantes - Alemães. 3. Patrimônio cultural - Proteção. 4. Memória. I. Salvini, Carmen Tereza II. Rodrigues, Márcio Luiz. III. Título.

CDD 981.65

Sumário

I - UMA NOVA VIDA EM TERRAS ALÉM-MAR! A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E POLONESA NO SUL DO BRASIL	06
1.1 Imigração e formação de novas colônias no oeste catarinense no Brasil dos séculos XIX e XX	06
II - MEMÓRIAS E EXPRESSÕES DA CULTURA ALEMÃ E POLONESA NO OESTE CATARINENSE	11
2.1 As andanças e as lidas em terras do oeste catarinense	11
2.2 A Fé e a religiosidade	13
2.3 Culinária	16
2.4 As práticas artesanais	21
2.5 As brincadeiras e os brinquedos	22
2.6 Uso das plantas para a cura das doenças	23
2.7 O lazer e a sociabilidade	23
III - DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	27
3.1 Recomendações aos jovens de hoje	27
3.2 Conheça as associações parceiras deste projeto	28
REFERÊNCIAS	30

Apresentação

O Projeto Wir sind hier¹ ! Razem²! registro e transmissão da cultura alemã e polonesa no oeste catarinense realizou inventário, salvaguarda e socialização dos saberes, fazeres e expressões da cultura alemã e polonesa dos mestres, grupos formais e informais que residem nas comunidades rurais e bairros dos municípios catarinenses de Pinhalzinho, Nova Erechim, Saudades, Maravilha e Cunha Porã, a fim de registrar, preservar e valorizar o patrimônio cultural imaterial desses grupos étnicos.

Com essa motivação, o Museu Histórico de Pinhalzinho, vinculado à Prefeitura Municipal, apresentou a proposta à edição 2015, do Edital Elisabete Anderle de Estímulo a Cultura. Este edital é promovido pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), vinculada a Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina, e tem como objetivo premiar ações relevantes no âmbito da cultura catarinense.

A iniciativa mapeou e inventariou os principais mestres de sabedoria popular e grupos que preservam expressões culturais de caráter imaterial, relacionadas ao artesanato, culinária, canto, dança, dialeto, costumes, festejos e formas de sociabilidade da cultura alemã e polonesa, no oeste catarinense.

Nessa publicação, você encontrará informações sobre o processo de pesquisa e terá a oportunidade de aprender mais sobre:

- A imigração alemã e polonesa para o sul do Brasil;
- A migração de gaúchos de origem alemã e polonesa para o oeste catarinense;
- As expressões e manifestações culturais dos detentores de saberes e grupos que preservam tradições alemãs e polonesas;
- As formas de preservação e os desafios da difusão e sustentabilidade desse patrimônio cultural imaterial.

Essa publicação se destina a professores, estudantes, adultos, jovens e crianças e pretende contribuir para a socialização dos saberes e expressões relacionadas ao patrimônio imaterial da cultura alemã e polonesa no oeste catarinense.

1 Tradução do termo alemão: Estamos aqui!

2 Tradução do termo polonês: Juntos! “Estamos aqui! Juntos”, tradução do título principal do projeto, expressa a imigração para o Brasil de alemães e poloneses, incitados por circunstâncias econômicas e sociais da Europa do século XIX.

Sobre o projeto

Uma equipe multidisciplinar do Museu Histórico de Pinhalzinho visitou cada um dos grupos, associações, museus e mestres mapeados e fotografou os locais, as residências, os quintais e os lugares onde mestres e grupos praticam suas expressões e saberes. Também foram realizadas entrevistas filmadas em cada lugar visitado, perguntando sobre a migração para o oeste catarinense, as práticas diárias de trabalho, religiosidade, educação dos filhos, lazer, sociabilidade, e, também, sobre a importância de preservar e manter as manifestações culturais que identificam a cultura alemã e polonesa. A intenção da pesquisa foi reunir um banco de dados sobre os costumes, manifestações e expressões da cultura alemã e polonesa, a fim de disponibilizá-los a pesquisadores, estudantes e a comunidade.

A partir da análise do material de pesquisa, foram produzidos:

- a) Cartilha de apoio didático, visando estimular a ação educativa a partir dos referenciais de história, memória e patrimônio cultural.
- b) Documentário audiovisual, com duração de 40 minutos;
- c) Exposição itinerante que visibiliza experiências, costumes, práticas e saberes coletados durante a etapa de pesquisa;
- d) Oficinas de Formação de Multiplicadores para professores de todos os níveis de ensino, visando instrumentalizá-los para o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural da região oeste catarinense;
- e) Oficinas de Ação Educativa para estudantes de todos os níveis de ensino, abordando a valorização do patrimônio cultural imaterial, história e memória;
- f) Mostra cultural, a fim de estimular o reconhecimento e a valorização de detentores de saberes e expressões tradicionais de caráter imaterial.

Boa Leitura!





I

UMA NOVA VIDA EM TERRAS ALÉM-MAR! A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E POLONESA NO SUL DO BRASIL

1.1 Imigração e formação de novas colônias no oeste catarinense no Brasil dos séculos XIX e XX

Imigrar, ao longo da história, pode ser considerado, um dos principais feitos da condição humana para o deslocamento e a ocupação de diferentes localidades. Discutido em diferentes espaços de pesquisas e por diversos estudiosos, esse fenômeno se intensificou a partir das grandes navegações ultramarinas, ocorridas no final do século XV e início do século XVI.

Saiba Mais!

Para a professora e pesquisadora Márcia Motta (2005), **imigrar** significa de forma geral, o deslocamento de pessoas de um país a outro, ao passo que **migrar**, segundo a mesma autora, é o deslocamento ocorrido dentro de um mesmo país, interligando duas regiões específicas do seu território.

Em relação à imigração europeia para o Brasil, podemos dizer que teve início com a vinda dos portugueses em 1500. Esse fenômeno se intensificou durante o século XIX, com a chegada de imigrantes alemães, italianos e poloneses, incitados por circunstâncias econômicas e sociais ocorridas tanto no Brasil, como na Europa.

No que se referem às circunstâncias brasileiras, fatos como a Independência do Brasil (1822), a promulgação da Lei de Terras e da Lei Eusébio de Queirós (ambas em 1850) mais a abolição da escravatura em 1888, dinamizaram a imigração europeia para o Brasil, na possibilidade de ocupar, através do processo de **colonização**, regiões, onde as terras públicas eram consideradas devolutas.

Para os pesquisadores Kalina V. Silva e Maciel H. Silva (2009, p. 67), **colonização** é um “fenômeno de expansão humana pelo planeta, que desenvolve a ocupação e o povoamento de novas regiões e, esta associada, a cultivar e ocupar uma área nova de terra.”

Pesquise Mais!

A Lei Eusébio de Queirós e a Lei de Terras, sancionadas no Brasil no ano de 1850, de certa forma, prepararam o cenário da vinda dos imigrantes europeus e do processo de abolição da Escravatura em nosso país. Pesquise mais sobre o conteúdo dessas leis e escreva quais foram as implicações sociais, econômicas e políticas no Brasil. Depois apresente a sua professora e aos colegas!

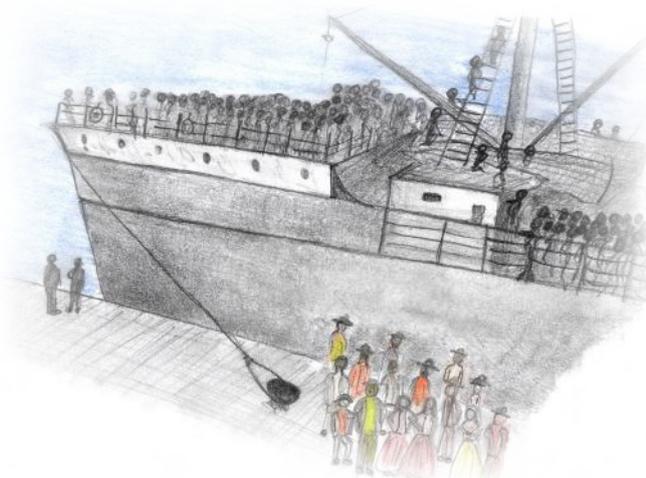
Já em relação aos aspectos de ordem europeia, a imigração para o Brasil foi resultado das transformações socioeconômicas ocorridas na Europa, decorrentes do processo de industrialização, que transformaram os últimos resquícios das tradições medievais, gerando “intranquilidade política e social, o que predis pôs as pessoas a buscarem alternativas”. (RADIN, 2012, p. 78).

“ *Eles saíram de lá, porque na época existia muito desemprego, guerras, população demais. Pra vim pro Brasil, eles tinham um incentivo que ganhavam uma área de terra, animais, ferramentas pra trabalhar, comida e sementes pro primeiro ano sobreviver. Então as pessoas, muitas delas, imaginavam uma coisa, mas chegaram aqui e era diferente. Muitas pessoas se deram bem também e, com o tempo, conseguiram se estabelecer e prosperar.*”³ (Rudi José Bergmeyer) ”

Quanto a imigração alemã para o Brasil, teve início a partir do ano de 1824, oriundos principalmente da região sul da Alemanha, a qual estava passando por fortes mudanças sociais e econômicas ocorridas tanto nos centros urbanos, como em áreas rurais. Essas mudanças motivaram excedentes populacionais a imigrarem para o Brasil, primeiramente, em frentes direcionadas para a região de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, no início da década de 1820. Posteriormente, em 1824, chegam no Estado do Rio Grande do Sul, às margens do Rio do Sinos, na atual cidade de São Leopoldo.

“ *A Princesa Isabel incentivou a imigração alemã para o Brasil. Havia na época muito desemprego e a promessa de que aqui havia terra, os animais e sementes para o plantio da terra. Meu avô que veio da Áustria, trabalhava na extração do Carvão, e a avó, numa fábrica de garrafas. Chegaram em São Leopoldo, RS e de lá foram residir no município de Feliz, RS.*”⁴ (Rudi José Bergmeyer) ”

“ *A vovó contava que levou 30 dias viajando no navio pra eles chegar no Brasil, chegando no Rio de Janeiro. E prometiam que aqui tinha muita fruta, tinha mato, mel. Mas quando chegaram, perceberam que não era bem assim. De lá [Rio de Janeiro], parece que o governo deu umas áreas pra eles trabalhar [...]. Vieram pro Rio Grande do Sul e foram se arrumando com os brasileiros nas casinhas e plantando aquilo que dava.*”⁵ (Vicente Knakiewicz) ”



3 Rudi José Bergmeyer, descendente da etnia alemã e austríaca. Reside em São Miguel do Oeste, SC.

4 Rudi José Bergmeyer, descendente da alemã e austríaca. Reside em São Miguel do Oeste, SC.

5 Vicente Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

Saiba Mais!

Para saber mais sobre a saga dos imigrantes alemães sugerimos a leitura do livro *O Brasil do Imigrante Alemão* de Ivo Eckert, descendente de José Marcolino Eckert, uma das famílias que colonizaram Pinhalzinho, SC.



Em Santa Catarina, a imigração alemã teve início no final da década de 1820, constituindo a colônia de São Pedro de Alcântara e, em meados do século XIX, no Vale do Itajaí, fundando a atual cidade de Blumenau. A imigração alemã no Brasil, também foi motivada pela imagem atribuída aos alemães, considerados pelos defensores da imigração, como o um agricultor competente e de grande eficiência para a proposta de ocupar regiões do interior do território brasileiro, consideradas “vazias”. (SEYFERTH, 2002).

Já a imigração polonesa no Brasil, teve início durante a década de 1860, instalando-se em Santa Catarina, na região de Brusque (1869) e em localidades aos arredores de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no final da década de 1890, oriundos, num primeiro momento, do Sul da Polônia. (MOLAR, 2009). Da mesma forma que a Alemanha, a Polônia também passava por dificuldades socioeconômicas sendo que o fluxo da imigração polonesa também foi intenso no período entre guerras: Primeira e Segunda Guerra Mundial, 1914 –1918 e 1939 – 1945, respectivamente. (WEBER, 2012).

Saiba Mais!

Ignácio Arendt, músico, descendente de poloneses, afirma que “a imigração polonesa para o Brasil data de 1869. As primeiras levas se alocaram em Brusque e depois foram se espalhando, concentrando-se significativamente em Curitiba, Paraná. Os imigrantes poloneses em Santa Catarina se concentraram também nas cercanias de Blumenau – Massaranduba, Canelinha. A grande leva imigratória de poloneses ocorreu de 1890 a 1895. Estes foram se espalhando nos vários municípios dos estados da região sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E como as famílias foram aumentando, uma nova leva migratória continuou a expansão pelo Brasil. Foi o que ocorreu com os descendentes de poloneses que migraram para municípios do oeste catarinense, como Nova Erechim, Pinhalzinho, em busca de terras mais férteis.”

Contudo, depois de estabelecidas as primeiras levas de imigrantes europeus no Sul do Brasil e à medida que o tempo passou, as gerações posteriores viram a necessidade de buscar novas áreas de ocupação através do fenômeno da migração. Assim, tanto os descendentes de alemães, como italianos e poloneses, viam-se na ânsia de buscar novas alternativas de fixação, em terras localizadas principalmente no interior da região. Essa migração, caracterizada como interiorana ou de cunho rural, segundo Roche (1969) foi reflexo da impossibilidade de ocupar a mesma área remanescente dos primeiros tempos da imigração.

Dessa forma, a região oeste de Santa Catarina, depois da Guerra do Contestado (1912-1916), foi cenário de intensa migração, envolvendo de forma direta, os descendentes de alemães, italianos e poloneses, oriundos principalmente do Rio Grande do Sul.

6 Ignácio Arendt, músico, descendente da etnia polonesa. Reside em Jaraguá do Sul, SC.

Saiba Mais!

Segundo o professor e pesquisador Alceu Werlang (2006), a região oeste de Santa Catarina foi criada oficialmente depois da Guerra do Contestado, por meio da Lei Estadual n. 1147, de 28 de agosto de 1917, com aproximadamente 48 mil Km².

Pesquise Mais!

Você sabia que após a Guerra do Contestado foram criados os municípios de Chapecó, Cruzeiro (Joaçaba), Porto União e Mafra e oficialmente foi iniciado o processo de colonização do oeste catarinense, mediado pela atuação do Estado e das Companhias colonizadoras? Pesquise mais sobre o que foi a Guerra do Contestado, o que são companhias colonizadoras e como foi a atuação delas durante o processo de colonização da região. Para ilustrar apresentamos abaixo um mapa que explica a divisão das terras do oeste pelas colonizadoras. Boa Pesquisa!



Divisão das terras do oeste catarinense pelas companhias colonizadoras.

Fonte: PIAZZA, 1994, p. 252.

O fenômeno da migração também está ligado a um conjunto relacional de laços de parentesco, amizades, trabalho e as possibilidades de ascensão social. Em outras palavras, a migração exige uma vivência social, refletida na aceitação aos de fora junto à sociedade acolhedora. Nesse sentido a região oeste catarinense, apresentou-se propícia entre as décadas de 1920 a 1960, a migração, caracterizada de cunho **inter-regional**, interligando regiões do Rio Grande do Sul e envolvendo basicamente descendentes de europeus de origem alemã, italiana e polonesa.

Migração **inter-regional**, segundo a pesquisadora Marcia Motta (2005), é aquela que ocorre dentro de uma mesma região, em um determinado país. Ou seja, a migração ocorrida na região oeste catarinense durante a colonização, foi um processo que se desenvolveu no interior da região Sul do Brasil, algo que interligou, ao mesmo tempo, os Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

“ O pai tinha uma família numerosa e gostava de comprar, pra cada filho, uma terra. Lá em Selbach, RS ele não conseguia, então veio aqui pro Pinhal.”⁷ (Affonso Floss) ”

“ No Rio Grande do Sul a terra era muito vermelha e tinha muita formiga, não havia adubo, não havia calcário [...]. Então, resolveram migrar pras colônias novas [oeste catarinense] pra família não padecer.”⁸ (Pedro C. Limberger) ”

“ O pai veio, por causa da madeira, araucária, serraria, o ramo da madeira. Aquela vez eles faziam balsa e vendiam, levavam para o Rio Uruguai e lá despachavam pra Argentina. E depois, industrializavam e serravam aqui mesmo.”⁹ (Orlando Grellmann) ”

“ Lá onde nós morávamos as terras já não produziam mais e aqui era terra nova. A gente procurou ir onde a terra produzia. Meu irmão veio antes e nós viemos depois.”¹⁰ (Antônio Knakiewicz) ”

7 Affonso Floss, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

8 Pedro C. Limberger, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Afonso, Saudades, SC.

9 Orlando Grellmann, descendente da etnia alemã. Reside em Maravilha, SC.

10 Antônio Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.



II MEMÓRIAS E EXPRESSÕES DA CULTURA ALEMÃ E POLONESA NO OESTE CATARINENSE

2.1 As andanças e as lidas em terras do oeste catarinense

De forma geral, os grupos étnicos alemães e poloneses, apresentavam aspectos culturais bem específicos e ocuparam as terras da região sul do Brasil, num sistema que alguns estudiosos denominam de **minifúndio**, voltado ao cultivo diversificado de milho, feijão, arroz e a produção de **produtos coloniais**.

Produtos coloniais, segundo os pesquisadores Clóvis Dorigon e Arlene Renk (2013), é o excedente produzido para o sustento das famílias, refletindo o aperfeiçoamento em atividades como a produção de embutidos e derivados de animais como leite, queijo, salame, etc. Essas atividades também recebem acréscimos, com os derivados de cana-de-açúcar como o açúcar mascavo e melado, mais os derivados de frutas como as chimias (doces) de laranja, pêssego, uva, etc.

A designação **minifúndio** está pautada em oposição ao Latifúndio (grande propriedade rural). Ou seja, trata-se de um sistema voltado para a pequena propriedade rural, característica marcante entre os migrantes que ocuparam a região oeste catarinense, durante a colonização.

Na viagem de mudança para o novo local os migrantes sul-riograndenses, descendentes de alemães e poloneses, assim como acontecia com outros grupos, chegavam na região oeste catarinense, trazendo na bagagem utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, mobiliário, alimentos, sementes e animais domésticos.

“ Trazia junto galinha, arroz, carne de porco frita, conservada nas latas de banha. E de tudo! Trazia umas novilhas, uma vaca e o cavalo.”¹¹
(Leocádia Pohl) ”

“ Nós morava numa casinha que era feita de tabuinha lascada e não tinha assoalho. O pai comprou um sítio de um caboclo e já tinha aquela casinha.”¹²
(Pedro C. Limberger) ”



11 Leocádia Pohl, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Água Parada, Maravilha, SC.

12 Pedro C. Limberger, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Afonso, Saudades, SC.

Pesquise Mais!

No período da colonização, quando os migrantes chegaram no oeste catarinense, um dos principais fatores era providenciar o lugar de moradia e garantir a manutenção do grupo familiar por meio do trabalho. A migração para as novas terras geralmente ocorria alicerçada nas relações de parentesco e amizade, o que facilitava a adaptação dos migrantes e a reinvenção das relações de sociabilidade, o preparo e o cultivo da terra para a produção dos alimentos, num primeiro momento. Outro fator importante é a presença de famílias caboclas, que conheciam bem os lugares e geralmente trabalhavam como arrendatários ou diaristas das famílias que chegavam nas vilas, que anos depois, deram origem a municípios da região oeste catarinense.

Pergunte para o vovô e a vovó como era o município quando eles chegaram? De onde eles vieram? Por que eles resolveram instalar residência nesse município? Como era a vida e os costumes naquela época?

Depois de realizar a pesquisa, socialize as informações com a professora e os colegas!
Boa Pesquisa!

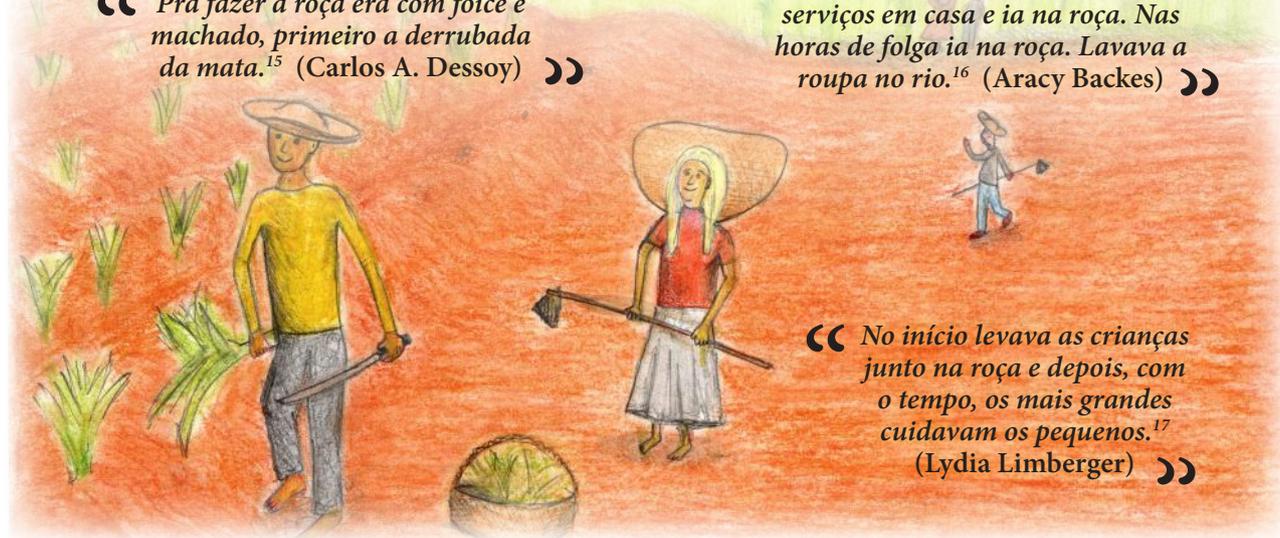
Nos primeiros anos da colonização as atividades econômicas eram basicamente a agricultura e a extração da madeira. Com o tempo foram se instalando as casas de comércio, igrejas, escolas, coletoria de impostos, prefeitura e os ofícios de costureira, sapateiro, alfaiate, cabeleireiro foram constituindo o cenário das vilas que deram origem aos municípios do oeste catarinense. Nessa época era tradição os pais repassarem os saberes aos filhos, no ambiente doméstico e nas lidas diárias, de como fazer o cultivo da terra e a criação dos animais domésticos.

☞ *Na época o trabalho era arado de boi e enxada. Nós derrubava a madeira, serrava em Pinhalzinho, pra construir a casa.*¹³ (Affonso Floss) ☞

☞ *Nós plantava de tudo: milho, mandioca, chuchu, cebola, arroz, feijão.*¹⁴ (Leocádia Pohl) ☞

☞ *Pra fazer a roça era com foice e machado, primeiro a derrubada da mata.*¹⁵ (Carlos A. Desso) ☞

☞ *Eu cuidava as crianças, fazia os serviços em casa e ia na roça. Nas horas de folga ia na roça. Lavava a roupa no rio.*¹⁶ (Aracy Backes) ☞



☞ *No início levava as crianças junto na roça e depois, com o tempo, os mais grandes cuidavam os pequenos.*¹⁷ (Lydia Limberger) ☞

13 Affonso Floss, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

14 Leocádia Pohl, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Água Parada, Maravilha, SC.

15 Carlos A. Desso, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Antão, Saudades, SC

16 Aracy Backes, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC

17 Lydia Limberger, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Afonso, Saudades, SC

Saiba Mais!

Sapateiro, um ofício que persiste ao tempo

O entrevistado Telmo Pott, sapateiro com mais de 50 anos de profissão, relatou como eram fabricados os calçados e que, a matéria-prima para confecção, o couro e a sola, eram oriundos de Novo Hamburgo e Tapera, Rio Grande do Sul. Atualmente, um dos produtos confeccionados artesanalmente é o sapatilha, utilizada pelos dançarinos que frequentam as oficinas de Dança, do Clube Cultural 25 de Julho de Maravilha, SC.



Mascate

Armando Pohl, agricultor aposentado, relatou como era seu ofício de mascate e charreteiro nas lidas e andanças no município de Maravilha, SC. “A charrete, eu fazia muitas andanças. Eu era mascate, vendia banana, chuchu, bergamota, laranja, enchia a diligência e ia vender na Praça, na época não tinha mercado.”¹⁸



Marceneiro

“O meu pai foi marceneiro. Ele, eu lembro que ele aplainava a madeira pra fazer móveis cantando! Ele ficava trabalhando e catando. De preferência, músicas e canções sacras.”¹⁹ (Gabriel Kempka)

2.2 A Fé e a religiosidade

As tradições relacionadas à fé e a religiosidade dos descendentes de alemães e poloneses, na maioria dos casos, estava intimamente relacionada ao catolicismo oficial e a religião evangélica de confissão luterana, nas formas de rezar em casa, na devoção, no batismo e nos casamentos comumente realizados na igreja. O ato da oração estava presente em diferentes contextos, seja no dia-a-dia, antes das refeições, na educação das crianças ou em momentos específicos como batizados, casamentos, funerais, celebrações de Natal e Páscoa.

18 Armando Pohl, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Água Parada, Maravilha, SC.

19 Gabriel Kempka, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

Saiba Mais!

Durante o período da colonização da região oeste catarinense percebe-se que foram se formando vilas de migrantes de origem alemã católicos e vilas de migrantes de mesma origem, evangélicos de confissão luterana. A religiosidade presente nas comunidades tanto de descendentes de alemães como italianos, mostra-se como uma questão de identificação e integração social. Nesse cenário, razões como a falta de sentimento a pátria brasileira e presença de diferentes dialetos ligados à descendência tanto ítala como teuta, em um cenário muitas vezes caracterizado pelo isolamento geográfico, só foi superado com a institucionalização da capela como espaço e meio de socialização para a comunidade (MEZZOMO, 2003).

“ *Minha mãe era muito religiosa e nos dias santos nós todos juntos tinha que rezar e cantar as cantigas religiosas, tudo em polonês.*²⁰ (Boleslau Gielda) ”

“ *A família preserva o hábito de conversar em polonês, fazer as orações em polonês.*²¹ (Regina Knakiewicz) ”

“ *As orações era três vezes por dia, principalmente antes do almoço e do jantar.*²² (Affonso Floss) ”

“ *Eu lembro que a gente se reunia e ensaiava cantos de Natal. O meu avô era muito ligado ao canto e ele não tinha instrumento, dava as notas musicais, faziam apresentações na Igreja e em outros locais. Então, a gente ensaiava os hinos e quando era véspera de Natal, no dia 24 de dezembro, a gente se reunia ao redor do pinheirinho cantava e louvava a Deus com hinos de Natal.*²³ (Klaus R. Pauke) ”



20 Boleslau Gielda, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

21 Regina Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

22 Affonso Floss, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

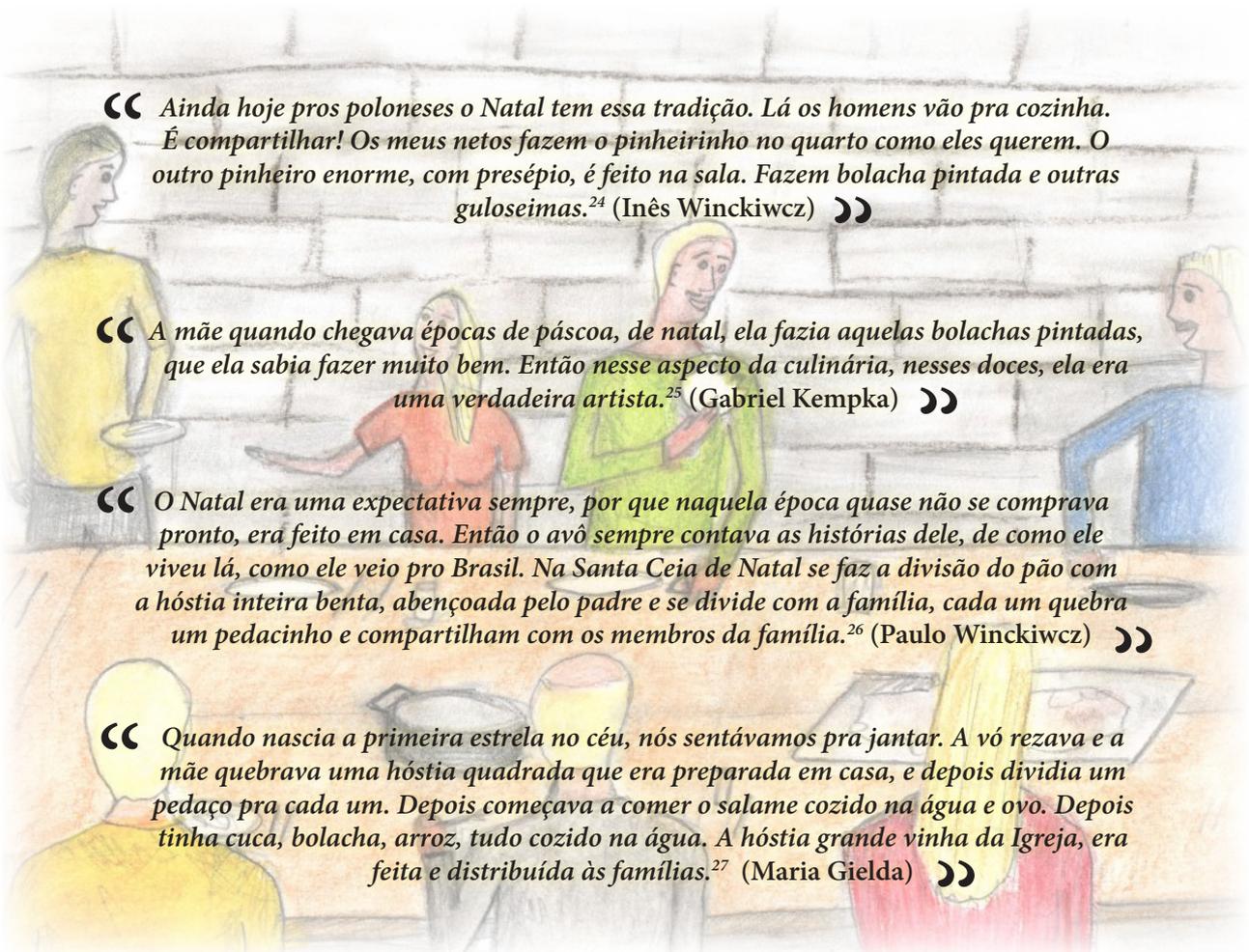
23 Klaus Roberto Papke, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

Pesquise Mais!

De certo modo, a religiosidade foi algo empreendido no processo de colonização do oeste catarinense, como forma de atração e redistribuição dos colonos, objetivando a benção e o progresso para as comunidades. Faça uma pesquisa apresentando e descrevendo a origem e as características da religião católica e da religião evangélica de confissão luterana.

Saiba Mais!

A comemoração natalina dos descendentes de poloneses era uma ocasião de celebrar a vida, de agradecer e compartilhar. Nos relatos que seguem você terá a oportunidade de perceber as especificidades dessa tradição!



“ Ainda hoje pros poloneses o Natal tem essa tradição. Lá os homens vão pra cozinha. É compartilhar! Os meus netos fazem o pinheirinho no quarto como eles querem. O outro pinheiro enorme, com presépio, é feito na sala. Fazem bolacha pintada e outras guloseimas.²⁴ (Inês Winckiwcz) ”

“ A mãe quando chegava épocas de páscoa, de natal, ela fazia aquelas bolachas pintadas, que ela sabia fazer muito bem. Então nesse aspecto da culinária, nesses doces, ela era uma verdadeira artista.²⁵ (Gabriel Kempka) ”

“ O Natal era uma expectativa sempre, por que naquela época quase não se comprava pronto, era feito em casa. Então o avô sempre contava as histórias dele, de como ele viveu lá, como ele veio pro Brasil. Na Santa Ceia de Natal se faz a divisão do pão com a hóstia inteira benta, abençoada pelo padre e se divide com a família, cada um quebra um pedacinho e compartilham com os membros da família.²⁶ (Paulo Winckiwcz) ”

“ Quando nascia a primeira estrela no céu, nós sentávamos pra jantar. A vó rezava e a mãe quebrava uma hóstia quadrada que era preparada em casa, e depois dividia um pedaço pra cada um. Depois começava a comer o salame cozido na água e ovo. Depois tinha cuca, bolacha, arroz, tudo cozido na água. A hóstia grande vinha da Igreja, era feita e distribuída às famílias.²⁷ (Maria Gielda) ”

24 Inês Winckiwcz, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

25 Gabriel Kempka, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

26 Paulo Winckiwcz, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

27 Maria Gielda, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

2.3 Culinária

Nas primeiras décadas da colonização da região oeste catarinense não havia rede de eletricidade. Por isso, a conservação dos alimentos dependia de estratégias e saberes que, com o passar dos anos, foram adequados pelo uso de refrigeradores e congeladores.

A conservação de produtos de origem animal era uma das maiores dificuldades da época. Nesse tempo, manter perecíveis, produtos como carne, leite e seus derivados envolvia diariamente cuidados na forma de preparo e armazenagem dos alimentos.

☞ *Matava porco e fritava carne na banha, botava nas latas e quando precisava esquentava. Já estava pronta a carne. Naquela época não tinha geladeira e não tinha luz que nem hoje.*²⁸ (Boleslau Gielda) ☞

Na sequência apresentaremos algumas receitas de pratos típicos da culinária alemã e polonesa. Em cada receita tem uma pitada de carinho, “acrescida por uma boa dose de pertencimento e confirmação ao reproduzir de modo ritualístico aquela receita que aprenderam com os pais ou familiares, e que hoje está consolidada como identidade de determinado grupo de pessoas.”²⁹

Pratos típicos da culinária alemã

WAFER

Ingredientes

3ovos

1 xícara de açúcar

1 xícara de água com leite

2 colheres de nata

Farinha ao ponto.

Modo de Preparo

Misturar todos os ingredientes acrescentando a farinha aos poucos, formando uma massa homogênea.

*“Fazia a receita nos dias de chuva. E parece que as que são feitas no fogão a lenha tem mais sabor.”*³⁰
(Augusta Paulina Staudt)



28 Boleslau Gielda, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

29 SALVINI et al, 2014.

30 Augusta Paulina Staudt, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

BOLACHA DE MELADO

Ingredientes

6 ovos
1 xícara de nata
2 xícaras de melado
2 colheres de sal amoníaco
2 xícaras de leite pra desmanchar o sal amoníaco
Farinha ao ponto

BOLACHA DE MOÇA

Ingredientes

6 ovos
2 xícaras de açúcar
2 xícaras de banha
1 xícara de leite – desmanchar o sal amoníaco
3 colheres de sal amoníaco
Farinha ao ponto



Receitas de bolachas de Suili Papke.



Marcia Bieger preparando o chuchuschnitzel.

DOCE DE CHUCHU – CHUCHUSCHNITZEL

Modo de preparo

Descascar o chuchu e cortar em pedaços, pequenos cubos. Colocar numa panela o chuchu e melado. Deixar ferver em fogo brando até o ponto.



K-CHIMIA

Modo de Preparo

Colocar dois litros de leite e deixar dois dias fora da geladeira. Levar ao fogo brando e aquecer até 35 graus, mexendo sempre até a coalhada se juntar. Colocar pra escorrer no escurridor de massa ou saco de pano. Acrescentar nata e sal a gosto, misturando e preparando uma mistura homogênea.

CUCA MOLE

Ingredientes

1 xícara de açúcar
1 colher de fermento
1 colher de banha
1 pitada de sal
1 colher de nata
3 ovos
3 xícaras de leite
Farinha ao ponto

Modo de preparo

Misturar todos os ingredientes deixando ela homogênea (mole) e bater por até 10 minutos. Deixar crescer, colocar na forma com farofa e levar ao forno.

Farofa

2 colheres de farinha
1 xícara de açúcar
Raspa de limão, à gosto
Banha derretida

Observações

Antes de colocar a farofa sobre a cuca, bater um ovo e passar na cuca para que ela concentre a farofa.



Agnes Martins preparando cuca mole.

TRIPA GROSSA³¹

Ingredientes

1 tripa grossa bem limpa e temperada
1 kg de carne moída
2 ovos
6 colheres de farinha de trigo
3 batatinha
2 tomates
Tempero verde bem picado
1 pimentão
1 cebola
1 maço de salsa
1 maço cebolinha verde
6 folhas de manjerona
Sal
1 lata de milho



Modo de preparo

Em uma vasilha colocar a carne moída, os ovos, a farinha, o milho e os temperos. Misturar bem esses ingredientes. Na sequência acrescentar a batatinha e o tomate a essa mistura. Desvirar a tripa e preencher com o recheio, costurar e colocar em forma previamente untada. Com um palito, furar várias vezes para permitir a vazão da gordura durante o cozimento. Acrescentar à forma cerca de meia xícara de água, cobrir a forma com papel alumínio e levar ao forno para assar. Depois de 2 horas em cozimento tirar o papel alumínio e deixar dourar por 30 minutos.



“A tripa grossa aprendi a preparar com minha mãe, ela sempre dizia que o segredo era o tempero e o preparo, e tudo temos que gostar de fazer que sai tudo saboroso, lavar, cortar, misturar os ingredientes são preparos que devem ser bem feito, era uma comida que meu Deus quando a mãe fazia era festa.” (Jacinta Rempel Wagner – Pinhalzinho-SC)

PÃO DE MILHO

Ingredientes

4 a 5 xícaras de fubá
2 xícaras de água morna
1 colher de banha
1 copo de água
1 colherinha de sal
1 colher de açúcar
Fermento de batatinha
2 xícaras de farinha de trigo

Modo de preparo

O primeiro passo é escaldar os ingredientes: em uma bacia colocar as duas xícaras de farinha de milho e acrescentar a água morna (é importante que a água não esteja muito quente!). Em seguida, acrescentar um copo de água, a banha, sal, açúcar, fermento, farinha de trigo e amassar até ficar uma massa firme não muito mole e nem muito dura. Colocar nas formas untadas com gordura e assar por aproximadamente 35 a 45 minutos em forno com temperatura média de 180 a 200 graus.



Marcia Bieger preparando pão de milho.

31 SALVINI, et al, 2014.

FERMENTO DE BATATINHA

Ingredientes

- 2 batatas médias raladas
- 1 colherinha de sal
- 2 colheres de açúcar
- 3 colheres de farinha de milho

Modo de preparo

Misturar bem com 1 litro de água e deixar descansar de um dia para o outro. A sementinha do fermento é passada entre as donas de casa da vizinhança.



Café da manhã com pratos típicos da culinária alemã – pão de milho, batata doce, wafer, cuca, doces, k-chimia e outros. Residência de Antônio Eliseu Helfer. Associação Grupo de Danças Jugend Vorwärts.



Café da manhã com pratos típicos da culinária alemã – pão de milho, batata doce, wafer, cuca, doces, k-chimia e outros. Residência da família de Ivete Bergmeyer.

Pratos típicos da culinária polonesa³²

“A comida era preparada em casa: sopa de repolho, sopa de beterraba, batatinha. Em todos os preparos tinha batatinha.”³³
(Antônio Knakiewicz)

“Pastel frito, pastel cozido, czarnina, batatinha, beterraba, bolinho de batata, bolinho de carne de porco, vagem, pastel de ricota, conservas de beterraba, cenoura, repolho, essas são algumas das comidas que os poloneses apreciam.”³⁴
(Regina Knakiewicz)



SOPA DE PATO - CZARNINA

Ingredientes

Carne de um pato
Sangue do pato
8 colheres de farinha de trigo
Vinagre
Água
Sal

Modo de Preparo

Ferver em uma panela a água, acrescentando a carne de pato e sal a gosto. Retire com uma espumadeira a espuma que se formar durante o cozimento. Misture no liquidificador, o sangue de pato com a farinha de trigo. Após o cozimento da carne, acrescente a mistura do liquidificador, misture e acrescente um pouco de vinagre ao final do preparo.

Dica: pode-se acrescentar à sopa a massa de sua preferência. A sugestão de acompanhamento é batata doce cozida.

SOPA DE REPOLHO

Ingredientes

Repolho branco
Batatinhas
Arroz
Farinha de trigo
Sal

Modo de Preparo

Picar o repolho e misturar com as batatinhas cortadas. Acrescentar uma mão de arroz ou a quantia que achar necessária. Frite uma colher de farinha de trigo em óleo e utilize para engrossar o caldo da sopa, salgando a gosto.

Dica: como acompanhamento usar nata (creme de leite) e batata doce.

Pesquise Mais!

Que tal você pesquisar com a mamãe ou com a vovó, algumas receitas típicas que elas herdaram dos antepassados? Aproveite para confeccionar um caderninho de receitas pra você preservar e registrar as receitas da família.

³² As receitas foram retiradas da publicação de SALVINI, 2014.

³³ Antônio Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

³⁴ Regina Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

2.4 As práticas artesanais

As práticas artesanais revelam os saberes passados de geração para geração e se materializam em produtos e criações artesanais que refletem a herança cultural regional. Pelas mãos de mulheres fios se entrelaçavam e palhas de milho se trançavam com habilidade única, se transformando em guardanapos, cobertores, cestos e adornos utilizados no cotidiano. Mesmo hoje, muitas pessoas detêm e praticam esses saberes transmitidos de geração a geração.



Saiba Mais!

Uma herança cultural passada de geração para geração era o bordado de toalhas, panos para colocar atrás do fogão e tecidos de cama, mesa e banho que faziam parte do enxoval das moças solteiras, preparado para o casamento.



Pesquise Mais!

Que tal você fazer uma pesquisa conversando com o vovô e a vovó ou com o titio e a titia sobre como foi à celebração e/ou a festa de casamento deles. Depois compartilhe com sua professora e colegas! Você pode também trazer fotos antigas que ilustrem esses momentos.

Boa investigação!



35 Aracy Backes, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

36 Boleslau Gielda, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

37 Olívia Dessoy, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Antônio, Saudades, SC.

38 Emília Steffens, descendente da etnia alemã. Reside no Distrito de Machado, Pinhalzinho, SC.

Saiba Mais!

Osmundo Kunzler, agricultor, poeta e artesão em madeira. Utiliza o cedro para confeccionar gamelas, correntes, jogos de cavalinhos e utensílios domésticos. Também escreveu livros de poesia sobre as experiências vividas no meio rural, trabalhando na agricultura.

*“Quando frequentava a escola, quando tinha alguma coisa pra apresentar eu escolhia sempre os versinhos. Escrevia nos sacos de papel.”*³⁹
(Osmundo Kunzler)



2.5 As brincadeiras e os brinquedos

No cenário das brincadeiras e brinquedos aconteciam as tradicionais cantigas de roda, esconde-esconde e recreações ao ar livre nos **potreiros**, bem como a confecção artesanal dos brinquedos. Brinquedos como bonecas de pano e de milho, carrinhos de madeira, carrinhos de rolimã, entre outros. As brincadeiras eram de caráter coletivo, destacando-se bolas de pano ou bexiga de porco, pega-pega, pular corda, cantigas de roda e jogos com **bolas de gude**.

Pastagem cercada destinada ao confinamento do gado, próxima dos quintais, paióis, galpões ou das plantações de milho, feijão ou mandioca.

Conhecidas na região como “bolitas”.

Esse cenário revela a relação que as crianças tinham com a natureza: tomar banho de rio, brincar nos potreiros e descer morro abaixo sentado em uma folha de coqueiro ou no carrinho de rolimã.

“ A gente brincava muito com a folha de coqueiro. Subia o morro e descia dentro da folha de palmeira. Fazia carrinho com rodas de madeira, onde que o pai auxiliava a construir manualmente as rodas pra fazer as carretas.”⁴⁰
(Klaus R. Papke)

“ As meninas brincavam nos potreiros, na sombra das árvores.”⁴¹
(Regina Knakiewicz)



³⁹ Osmundo Kunzler, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Coxilha, Saudades, SC.

⁴⁰ Klaus Roberto Papke, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

⁴¹ Regina Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

2.6 Uso das plantas para a cura das doenças

Os remédios que conhecemos hoje em dia não existiam no início do processo de colonização da região oeste catarinense. Assim, o uso de chás, xaropes, infusões e emplastros, fabricados com base em plantas nativas, eram utilizados com frequência e suas propriedades medicinais eram retransmitidas de geração em geração.⁴²

☞ *Quando tinha algum filho doente se fazia chazinho de cidreira, hortelã, eram os chás que mais se utilizava.*⁴³
(Olívia Dessoy) ☞

☞ *Se fazia chá, por que médico não se tinha na época. Chá pra tosse, pra febre – cidreira, folha de laranjeira, bergamota, manjerona, hortelã, marcela. De tudo a gente tinha. E ainda tem!*⁴⁴
(Aracy Backes) ☞

2.7 O lazer e a sociabilidade

Mesmo que os momentos de lazer eram limitados, o domingo costumava ser um dia em que o trabalho ficava um pouco de lado e as famílias frequentavam o espaço comunitário que compreendia a igreja, a bodega ou a ocasião para visitar familiares e amigos.

☞ *Aos domingos, nós moramos perto da igreja de Aurea, RS, uns dois quilômetros por aí, então sagradamente missa. Isso era costume. Quando não era missa, era terço das dez da manhã.*⁴⁵
(Gabriel Kempka) ☞

Outro momento de lazer e de sociabilidade era visitar a residência de familiares e amigos que residiam nas proximidades, momentos nos quais se conversava sobre assuntos do cotidiano ou mesmo para cantar e rezar o terço.

Saiba Mais!

Schoofkopp é um jogo de carta praticado por descendentes de alemães, conhecido também como cabeça de carneiro.



42 Para saber mais sobre esse assunto consultar: SALVINI, et al. **No quintal da casa de madeira...**Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2013.

43 Olívia Dessoy, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Antônio, Saudades, SC.

44 Aracy Backes, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

45 Gabriel Kempka, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

“ Viemos de carroça de boi nos bailes que aconteciam ali onde é o Simon.⁴⁶
(Klaus R. Papke) ”

“ Nós tínhamos o costume de ir passear de noite, a pé ou a cavalo. Nos domingos de tarde as moças e os rapazes se juntavam para conversar e contar os causos. Passava a tarde que nem via a hora. De manhã tinha que ir na missa ou no terço, não tinha escapar.⁴⁷
(Antônio Knakiewicz) ”

“ Eu sabia melhor falar o brasileiro do que ele, ele não sabia falar tão bem. E hoje em casa a gente fala em alemão. E se vem alguma visita, a gente fala em brasileiro.⁴⁸
(Pedro C. Limberger) ”

Saiba Mais!

Embora a origem europeia dos descendentes de poloneses e alemães, seus costumes, práticas, modo de vida e, inclusive, o idioma estavam condicionados ao território que os acolheu. Suas tradições culturais demonstram que os dialetos de origem alemã e polonesa foram mantidos pelas famílias e repassados de geração a geração. A última geração, segundo os relatos, estão com dificuldades de manter o hábito de praticar e se relacionar por meio dos dialetos. Assim, se estabelece a responsabilidade dos grupos, detentores de saberes, associações e poder público de viabilizar a preservação e a sustentabilidade dessas expressões.

Outro momento de lazer significativo era os encontros para expressar as habilidades artísticas, manuseando um instrumento musical ou mesmo para cantar em família ou entre amigos.

“ Aos sábados à noite a nossa diversão era se reunir na casa do vizinho: o meu pai, a minha mãe, nós crianças cantávamos canções sacras.⁴⁹
(Gabriel Kempka) ”

“ Meu pai comprou esse violino pro meu irmão pra ser maestro. Dai eles vieram pra Maravilha, SC e eu vim aqui peguei o violino e voltei para Concórdia, SC pra ser maestro, aprendi também com meu sogro. E eu era cantor desde os 14 anos.⁵¹
(Valdemar Pop) ”

“ O pai dizia: - Eu vou ensinar música pra vocês, por que através da música vocês não vão passar fome! Tudo que nós aprendemos, também repassamos para os nossos filhos que também são formados na área de música e trabalham em orquestras em outras cidades.⁵⁰
(Carlos Müller) ”

“ O Bandoneón foi inventado por um alemão Heinrich Band, é um instrumento de voz contrária – abre um som e fecha outro na mesma tecla. Considerado um instrumento difícil de ser aprendido, exige dedicação diária. Criado para tocar em Igrejas, depois, com o tempo ele foi adaptado para tocar tango e outros ritmos.⁵²
(Paulo Müller) ”

46 Aracy Backes, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

47 Antônio Knakiewicz, descendente da etnia polonesa. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim, SC.

48 Pedro C. Limberger, descendente da etnia alemã. Reside na Linha Santo Afonso, Saudades, SC.

49 Gabriel Kempka, descendente da etnia polonesa. Reside na cidade de Pinhalzinho, SC.

50 Carlos Müller, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

51 Valdemar Pop, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

52 Paulo Müller, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

Saiba Mais!

O **bandoneón** foi inventado pelo músico alemão Heinrich Band (1821-1860). O nome original alemão bandoneón refere-se ao sobrenome de Band. Foi criado para ser usado na música religiosa e na música popular alemã, ao contrário da concertina, que era um instrumento mais utilizado na música folclórica. Imigrantes alemães levaram, no início do século XX, o bandoneón para o Rio da Prata, onde foi incorporado à música local.⁵³

Com o passar dos anos foi se estruturando também algumas festas típicas como a Kerbfest e a Oktoberfest que acontecem, geralmente no mês de outubro.

Saiba ainda Mais!

O **Kerbfest** é um festejo que acontece em várias regiões do Brasil, especialmente nas comunidades constituídas por descendentes de alemães. É uma ocasião festiva que envolve vários significados: festa da colheita, comemoração do dia do padroeiro, confraternização de família. Esse evento festivo sempre repleto de muita música, pratos típicos como cuca, pães, carne suína e derivados. A bebida tradicional é o chope, elemento indispensável do evento. No oeste catarinense, o Kerbfest é um evento local que se tornou regional, com a presença de grupos oriundos de toda a região e do Rio grande do Sul.⁵⁴



Desfile Cultural no Kerbfest de Cunha Porã, SC, 2015.

53 Bandoneón. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandoneon>. Acesso em: 15 de abril de 2016.

54 Extraído de SANTOS, et al, 2014.

“ Festa da Colheita, Festa do Cesto, comemorada em Cunha Porã há 65 anos. É uma festa tradicional que acontece no segundo final de semana de outubro. Entre as atrações da festa, além do consumo do chope e muita alegria, têm: desfile do Bierwagen, sangrias dos barris de Chope no comércio, desfile e escolha das rainhas, Jantar típico, baile do Kerbfest, desfile Cultural.⁵⁵
(Elestor Albrecht) ”

“ A nossa festa, eu ajudo a organizar à 19 anos [...]. É uma festa que o pessoal vem pra se divertir, pra fazer a festa, este é o grande legado da Kerbfest de Cunha Porã. Onde as famílias participam: vem pai, mãe, avó (a muta) o avô (fata)... todo mundo vem aqui, participar da festa.⁵⁶
(Elestor Albrecht) ”



Desfile Cultural no Kerbfest de Cunha Porã, SC, 2015.

Oktoberfest

Atualmente é reconhecida como uma das maiores festas da cerveja comemorada fora da Alemanha. Grandes bailes, desfiles de carros alegóricos, centopeias, carros de cerveja, torneio de chope em metro, escolha de rainhas, muitas comidas típicas, bebidas e alegria. É realizada anualmente, no mês de outubro, nos municípios catarinenses em que predomina a colonização alemã, tais como Itapiranga e Maravilha no Oeste catarinense e Blumenau, na região do Vale do Itajaí.⁵⁷

Segundo o depoimento de Altair Reinehr, em algumas capitais de países da América Latina, como Montevideo, Lima, Caracas, acontece a Oktoberfest. “É uma festa que caiu na simpatia de diversos países.”⁵⁸

55 Elestor Albrecht, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Cunha Porã, SC.

56 Elestor Albrecht, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Cunha Porã, SC.

57 SANTOS et al, 2014.

58 Altair Reinehr, descendente da etnia alemã. Reside em Maravilha, SC. Faz parte da Associação Cultural Alemã Maravilha e do Centro Cultural 25 de Julho.



III DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O patrimônio cultural imaterial se manifesta nas tradições, nas expressões culturais, nos saberes, nos modos de fazer e viver, nas danças, nos costumes, nas lendas, na culinária... É por meio da pesquisa, registro, difusão, conhecimento, reprodução e preservação desse patrimônio que as identidades culturais de grupos étnicos são perpetuadas.

Particularidades como o orgulho pela origem, pela maneira de viver e pelas recordações pessoais e coletivas são expressas pelos representantes das etnias. Entretanto, as gerações mais jovens não tem o mesmo vínculo, pois não apresentam as experiências e vivências pautadas pela memória do processo migratório e do desafio de construir a vida nas terras que hoje são o oeste catarinense.⁵⁹

Dessa forma, as inquietações dos entrevistados com a valorização da identidade étnica se junta à expectativa de que iniciativas de valorização e promoção do patrimônio cultural regional incitem o “cultivo”, a preservação e a transmissão destes valores culturais às gerações futuras.

3.1 Recomendações aos jovens de hoje

Esta cartilha registrou uma pequena parcela de vasto legado dos descendentes de alemães e poloneses, desejando que esses conhecimentos sejam reconhecidos e valorizados tanto pelos grupos, quanto pelas demais etnias que convivem hoje no oeste catarinense. Também almejamos que esta publicação seja uma fonte de pesquisa, conhecimento e inspiração, especialmente aos mais jovens para que apreciem, assumam e perpetuem as expressões e manifestações culturais que os identificam.

Afinal, para além das emoções que as memórias invocam, vale lembrar as lições de vida, as recomendações, os conselhos e a sabedoria de quem andou por este chão que hoje é tomado pelas novas gerações.

Vamos rememorar e praticar os ensinamentos que os entrevistados nos transmitiram!

“ A primeira coisa, a pessoa tem que se interessar pelo que faz, se ela não gosta de fazer, não se interessa, nem deveria começar!⁶⁰
(Otmar Steffens) ”

“ O que eu trago muito claro pra mim, durante toda a minha carreira foi essa questão da determinação, transmitida de geração a geração pelos de origem alemã.⁶¹
(Marlisa Wahlbrink) ”

59 ARGENTA et al, 2015.

60 Otmar Steffens, descendente da etnia alemã. Reside no Distrito de Machado, Pinhalzinho, SC.

61 Marlisa Wahlbrink, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

☞ *Os traços culturais da cultura polonesa continuam se mantendo viva nas tradições: culinária, danças e trajes típicos, no folclore e nas canções e rituais que são realizados nas celebrações de Natal, Páscoa, nos casamentos típicos e nas associações que preservam esses traços culturais.*⁶²

(Ignácio Arendt) ☺☺

☞ *Na época que o pai era jovem e morava com os pais, residia o bisavô junto com o avô. Ai eles trocavam os livros com familiares da Alemanha e da Áustria. Quando saía um livro interessante aqui no Brasil, a família comprava, lia e mandava para os familiares que residiam na Áustria e na Alemanha. E eles da mesma forma. Por isso que se tem muitos livros na família e o nosso bisavô, ele lia muito. O pai sempre foi de contar muita história, de contar as histórias dos livros pros netos.*⁶³

(Ivete Bergmeyer) ☺☺

☞ *A instrução artística [...] ajuda a esmerar o senso crítico da pessoa, a sensibilidade [...] além de proporcionar alegria, integrar as pessoas, firmar novas amizades. Assim, através dessas atividades culturais e artísticas, nós temos hoje intercâmbio com corais da Argentina, Paraguai, Alemanha e diversos grupos folclóricos da Alemanha, sudoeste do Paraná e Rio Grande do Sul.*⁶⁴

(Altair Reinehr) ☺☺

3.2 Conheça as associações parceiras deste projeto

Associação Cultural Alemã de Pinhalzinho

Fundada oficialmente em 20 de abril de 2012, a entidade tem como finalidade manter e preservar a cultura alemã, a fim de contribuir na formação do patrimônio cultural brasileiro e para o engajamento sócio educacional e cultural dos participantes da associação.

Mantém um grupo de danças que se reúne semanalmente para ensaios e se apresenta na localidade e em eventos promovidos nos municípios circunvizinhos. Realiza anualmente, em novembro, a Festa Alemã com apresentações de Grupos de danças e encenações de aspectos da cultura alemã, seguido de jantar de culinária típica e baile de confraternização.

Associação Cultural Alemã de Maravilha – ACALMAR

Criada oficialmente em 18 de outubro de 2013 a associação iniciou as atividades um ano antes, em 2012, idealizada por um grupo de simpatizantes que se reúnem para praticar o canto coral, a língua alemã e as expressões da cultura alemã.

Promove anualmente a Noite Cultural, na qual servem pratos típicos da culinária alemã entre eles, linguiça, batata cozida e cuca. A associação objetiva principalmente resgatar, preservar, conhecer, valorizar, incentivar, cultivar e divulgar a cultura e as raízes culturais dos imigrantes alemães.

“As associações, cooperativas, sindicatos, isso é pra organização de determinados grupos. Isso faz um bem pra todos, pra nós não ficarmos somente esperando o que vem do poder público.”⁶⁵

62 Ignácio Arendt, músico, descendente da etnia polonesa. Reside em Jaraguá do Sul, SC.

63 Ivete Bergmeyer, descendente da etnia alemã e austríaca. Reside na cidade de Maravilha, SC.

64 Altair Reinehr, descendente da etnia alemã. Reside em Maravilha, SC.

65 Klaus Roberto Papke, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Maravilha, SC.

Associação Grupo de Danças Jugend Vorwärts

Fundada em 16 de outubro de 1991, com a finalidade de preservar, representar e manter a cultura alemã no município de Saudades, SC, bem como, proporcionar o convívio entre crianças, jovens, adultos, casais e idosos da comunidade, através das danças folclóricas alemãs.

Mantém semanalmente os ensaios dos grupos de dança, com 119 integrantes, divididos em 5 categorias: mirim, infantil, juvenil, adulto e casais. O grupo realiza apresentações culturais em eventos locais e regionais. Há 17 anos promove o Café Colonial em homenagem ao dia das Mães com apresentações culturais e degustação de comidas típicas.

“A ideia da associação surgiu por que nós tínhamos aula de língua alemã no colégio. Nesses encontros surgiu a ideia de formar o grupo de Danças Jugend Vorwärts, Juventude avante!”⁶⁶

“Com a modernidade, muito se perde, novos valores são criados, novos estilos musicais, novas danças. Então cultivar isso no nosso meio é um trabalho difícil, mas não impossível, pois tem muita gente que gosta e participa.”⁶⁷

Braspol - Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim

Fundada oficialmente em 28 de março de 1993 com o objetivo de resgatar a cultura polonesa que estava no esquecimento. A partir da Braspol nacional, reuniu-se um grupo de descendentes de poloneses em Nova Erechim, SC, para discutir a possibilidade de criar uma entidade representativa dos descendentes de poloneses. Os descendentes viram uma oportunidade através da Braspol de alavancar e resgatar a cultura polonesa (gastronômica, idioma, música).

A associação promove a 18 anos a Festa Típica Polonesa. Entre as receitas que a associação preserva podemos destacar: a czarnina (sopa de pato), pierogi (pastel de requeijão), sonrasi (bolinho de carne de porco), bashi (prato a base de repolho), kimitachi (prato a base de batata).

Fazem parte da associação cerca de 70 famílias, mas a associação sente dificuldade em trazer para dentro do grupo os jovens que estão acometidos de resistência em fazer parte da Braspol.

Centro Cultural 25 de Julho de Maravilha, SC

Fundado em 25 de julho de 1961, tem como objetivo promover, difundir, manter e incentivar, por todos os meios possíveis a preservação do folclore, usos e costumes da cultura alemã. Promove desde 2009 a Oktoberfest, festa típica alemã, com desfile de rua, comidas típicas, show, baile e danças típicas.

Tem aproximadamente 300 sócios. Mantém-se com a anuidade dos sócios e os eventos que promove. Os sócios também usufruem de jogos como bocha e bolão, do bar e centro de convivência.

Atualmente mantém canto coral, clube de mães, grupos de danças infantil, juvenil e adulto. Tem a parte recreativa com vários grupos de bolão e bocha.

66 Lúcia L. Thiesen, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Saudades, SC

67 Lucas Josias Rohr, descendente da etnia alemã. Reside na cidade de Saudades, SC.

REFERÊNCIAS

- ARGENTA, Denise et al. *50 Anos depois*. Inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2014.
- _____. *Tempo di Recordare: saberes, fazeres e expressões da cultura ítalo-brasileira no oeste catarinense*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2015.
- DORIGON, Clóvis; RENK, Arlene. *Juventude rural, produtos coloniais e pluriatividade*. Chapecó: ARGOS, 2013.
- MEZZOMO, Frank Antônio. Religião e colonização: uma abordagem história. *EDUCERE-Revista da Educação*, vol. 3. n. 1. p. 69-80, 2003.
- MOLAR, Jonathan Oliveira. O Conjunto fotográfico no ensino de História: algumas possibilidades de abordagem com a imigração polonesa. *ANTÍTESES*, v. 2, n. 3, p. 269-296, 2009.
- MOTTA, Márcia. *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- MUNIZ, Jerônimo Oliveira. *Um ensaio sobre as causas e características da migração*. UFMG - CEDEPLAR/DEMOGRAFIA-AVALIAÇÃO, p. 01 – 10, 2002.
- NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. In: *Revista Esboço*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, vol. 10, n. 10, p. 29 – 51, 2002.
- PIAZZA, Walter F. *Colonização de Santa Catarina*. 3. edição. Florianópolis : Lunardelli, 1994.
- RADIN, José Carlos. Colonos na Fronteira Sul. In: ZARTH, Paulo A. (Org.). *História do Campesinato na Fronteira Sul*. Porto Alegre: LETRA & VIDA. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), p. 76-95, 2012.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. Vol. 2.
- SALVINI, Leila et al. *Degustando Saberes...* Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.
- _____. *As Ervas do Sítio*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.
- SANTOS, Diana C. dos et al. *O Folclore na Escola: pesquisa e socialização dos folguedos populares e cantigas de roda do oeste catarinense*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, n. 53, p. 117-149, 2002.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. *Festas e saberes: Artesanato, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- WERLANG, Alceu. *Disputas e Ocupação do Espaço no Oeste Catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006.
- _____. Processo de colonização do oeste de Santa Catarina: atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. *Revista Cadernos do CEOM*, Chapecó: UNOESC, v. 9, n. 9, p. 09-46, 1994.
- WEBER, Regina; WENCZENOVICZ, Thais J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. *HISTÓRIA UNISINOS*, v. 16, n. 1, p. 159-170, 2011.

ENTREVISTADOS

Cunha Porã

Crista Renati Wolf
Elestor Albrecht

Maravilha

Altair Reinehr
Armindo e Leocádia Pohl
Augusta P. Staudt
Carlos Müller
Ivete Bergmeyer
Klaus Roberto e Suili Papke
Mário Antônio Pasa
Mário Fülber
Marlisa Wahlbrink
Nair Fülber Thies
Orlando e Terezinha Z. Grellmann
Paulo Müller
Rudi J. e Elíria Bergmeyer
Telmo Pott
Valdemar Pop

Nova Erechim

Antônio Knakiewicz
Vicente e Regina Knakiewicz
Ignácio Arendt, participou de um evento da Braspol.

Pinhalzinho

Aracy Backes
Affonso Floss
Boleslau e Maria Gielda
Ema Veit
Gabriel Kempka
Jacinta R. Wagner
Otmar e Emília Steffens
Maria Schmatz
Paulo e Inês Winckiewicz

Saudades

Agnes M. H. Martins
Antônio E. Helfer
Arno A. Schwendler
Carlos A. e Olívia Dessooy
João I. Thiesen
Judite Helfer
Lucas J. Rohr
Lúcia L. Thiesen
Maria T. L. Bieger
Osmundo e Catarina Kunzler
Pedro C. e Lydia Limberger

ORGANIZAÇÕES CULTURAIS PESQUISADAS

Associação Cultural Alemã de Maravilha – ACALMAR
Associação Cultural Alemã de Pinhalzinho
Associação Cultural Mais Cultura
Associação Grupo de Danças Jugend Vorwärts
Braspol - Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa
Casa da Cultura Prefeito Paulo Pan
Centro Cultural 25 de Julho



REALIZAÇÃO



APOIO

Secretaria de Educação e Cultura de Pinhalzinho	Departamento de Cultura de Pinhalzinho	Associação Cultural Alemã de Pinhalzinho	Associação Cultural Mais Cultura
Secretaria de Educação e Cultura de Saudades	Associação Grupo de Danças Jugend Vorwärts	Departamento de Cultura de Cunha Porã	Casa da Cultura Prefeito Paulo Pan
Departamento de Cultura de Maravilha	Centro Cultural 25 de Julho	Associação Cultural Alemã de Maravilha - Acalmar	Departamento de Cultura de Nova Erechim
	Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa - Braspól		